EVCARISTINO
D. MENDONÇA



HINDÚS



HINDÚS

HINDÚS

POEMAS INDIANOS

POR

EUCARISTINO DE MENDONÇA



1924

IMPRENSA LUCAS & C.ª
RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 61
LISBOA

A meus irmãos
Miguel e Alberto,
consagração da
minha amizade

E. de M.

NA MOLDURA DE SANDALO

Os meus olhos, poetas desvairados,
perpetuam o scisma dos *Yoguis*.
O ídolos de jade — de rubís,
pérolas, esmeraldas, inundados.

Parques indianos, ortos encantados !
Passam mulheres, fluidos os ***sarys***,
cingem bustos de bruma tam subtìs,
corpos de ambar, em sonhos inflorados !

Um longìnquo zumbir dos ***soranguins***,
brinca no aroma nobre dos jasmins,
ao lânguido dançar das bailadeiras,

e singulares deusas como lúas,
surgem na noite escura, todas núas,
por entre a rama verde das palmeiras

MEIA NOITE ASIÁTICA

Nessa hora murmurante, virginal,
os misteriosos lagos orientais
têm imobilidades sepulcrais,
como que sob um extase genial.

Hà um sonho vetusto, imaterial
de sumidos desejos irreais,
subindo á tona de águas sensuais,
num dilatar suave, espiritual,

e quando a Lúa chega no zenit,
com fulgor espelhante de ematith,
os lagos cantam, choram em surdina:

é que a flor mensageira do Nirvana,
o sôbɹenatural Lotús indiana,
abre a sua corola adamantina.

UM QUADRO HINDÚ

No templo de *Vixnùm,* um lampadàrio
suspenso sôbre a màgica piscina,
sangra uma luz dourada e purpurina,
arrancando das águas um velàrio.

Num espelho azul, canta o calendàrio
a sucessão das horas em surdina,
e a magnètica linfa cristalina,
anima aquele lindo santuário

Nas colunas de prata, cinzeladas,
trepam umas grinaldas irisadas.
Num perfumador arde um forte aróma,

e erguida na cilíndrica parede,
onde os reflexos de água tecem rede.
a cùpula, é tal qual, uma redoma.

RECUERDOS

Quando vejo um crisântemo dourado,
numa vistosa jarra do Japão,
lembro que minha amante no verão,
vestia um *kimono* assim bordado;

aquele corpo longo e tam delgado.
tinha meneios tais de lentidão,
qne seu gesto, macia ondulação,
perdia-se qual ólio derramado;

havia nas bizarras alcatifas,
um inteiro *Bagdad* que resplendia,
como um sonho opioso dos *Kalifas*,

e emquanto eu de joelhos lhe despia,
o corpo marfileno do *kimono*,
minha amante, dormia um breve sono.

A PRINCESA CÔR DE COBRE

Amei uma princesa côr de cobre,
do radiante país de sol nascente,
tinha um andar lascivo de serpente,
e lindas mãos reais, de casta nobre.

O mistério que nunca se descobre,
velava o seu olhar entardecente;
habitava um palácio surpreendente
de prata, onde eu sentia-me tam pobre!

Uma noite, a princesa misteriosa,
disse-me numa fala melodiosa:
Súrya, meu Deus amado, é meu esposo!»

E a graciosa princesa toda no ar,
era um Lotús sagrado de Luar,
à flor dum lago azul, maravilhoso.

A DANÇA DA BAILADEIRA

Na varanda escarlate, a bailadeira
de *Concão*, de acobreado rosto fino
e de olhar a florir diamantino,
adormece ao dançar, leve e ligeira.

O seu corpo, serpente ou trepadeira,
è caricia de um Sonho levantino.
Cada mão è um lirio ambarino,
noite de estrêlas sua cabeleira.

O perfume de sàndalo que exàla
o seu *sary* diàfano, embriaga.
Sua boca ao cantar è uma rosa,

E a sumptuosa mùsica que embala
tem o tentador brilho duma adaga,
a rasgar coraçôes voluptuosa!

UMA TARDE NO OCEANO

Pùrpuras e brocados orientais,
inflamam a longìnqua bacanal.
A dança das etairas imperiais,
começa numa antiga ária sensual.

Um cortejo de nùvens colossais,
bacantes reclinadas num rosal,
adormecem sob àureos sendais
e sonham a violeta vesperal.

As ondinas recitam suas màgoas
e as sereias, nas vozes das espumas,
entoam o poema verde de ágoas,

e o mar doirado em franjas de alvas plumas,
semelha um dragão prêso sôbre fràgoas,
na mansão das apolas e das brumas.

HORA VERDE

Com tuas mãos inquietas quando passas,
a mimar meu cabelo em desalinho,
nas preciosas carícias adivinho,
elétrico sabor das tuas graças.

E's a subtil perversa que devassas
o azul da minha alma... De mansinho
tuas carícias filtram esse vinho,
como um licor divino de áureas taças.

Ó cerebral incendio da emoção!
Iperestésia fina e dolorosa!
Espasmo triunfal de arte, sagração!!

Só tu és minha amante generosa,
flor do meu misticismo e abstração,
fragil mulher, isterica... nervosa!!

A FESTA DO SAPTÁ

A grande algazarra
passa pela rùa;
e, a tricolar lúa,
preside a fanfárra.

Perfumes, incensos,
idolos azuis;
mulheres aos ùis
agitam seus lenços.

Mogarins xiumtins
jasmis em botões;
dourados pavões,
sedas e marfins.

Na noite de festa,
ha sígnos de oiro;
e o pagode loiro,
tem *cucume* na testa.

O fogo a subir,
repuxos de prata;
caem em cascata,
aljofres de Ofir.

Suriá e *Chandrá*
de mãos dadas vão;
é vêr em Concão
banhos do *Zatrá*.

A noite de seda,
é bordada a côr;
parece um Sol-pôr,
rubra labareda.

E o grande *Saptà*,
no estrondoso sonho,
acaba medonho,
á Devá Devá!

NA CIDADE INDO-BRITANICA

Colossal, cosmopolita,
cromatica Bombaim;
desenrolar dúma fita,
verde, azul, carmezim.

Soam cinco horas da tarde
no poente côr de roza,
a cidade é flor que arde,
numa sarça ruborosa.

Turbantes, coifas, e flores,
chapeus de palha, bonés.
Parses, severos senhores,
inglezes aos ponta-pés.

O calor da tarde é lava,
limonadas e sorvetes;
o sol no poente dava,
bom mercador de tapetes,

Automoveis bicicletas,
tram-ways, buzinas, apitos:
um gigante com muletas,
a correr, correr aos gritos.

Altas torres e zimborios,
cazaria de faiança;
maravilhosos emporios
n'huma acrobatica dança.

Victoria Garden, bazares,
vidraças são fulgarantes;
os predios têm dez andares,
ruas largas, elegantes.

— Russos, Egipcios, Judeus,
Japonezes, Irlandezes,
Africanos, Europeus,
Americanos, Francezes!!!

Na hora sarapintada,
vae a onda dos estrangeiros,
a turba civilizada,
bandidos aventureiros.

"God save the King" entôa
O germinal furibundo ;
rosto de manteiga bôa,
bebado inglez, passa imundo !

Horas de tomar o chà,
fumar o opio indiano;
começa já o *pankà*
O seu vae-vem palaciano.

Num crepusculo de opolas,
desce o tedio oriental ;
choram pianos nas salas
"Kiss me my love" o ideal!...

Gentis *parsonas* com calças,
compram bombons nos quiosques;
realejos tocam walsas,
nas rúas, praças e bosques!

Fulguram luzes eletricas,
nove horas da noite clara!
E distancias quilometricas,
são fitas de sêda rara!

Os edificios pomposos,
esmaltes, joias e gemas!
Adereços magestosos,
principescos diademas!!

E a cidade jà adornada
de tanto oiro e pedraria,
passa a noite, repoisada,
a espera de outro dia...

NA CAMARA SUNTUOSA

Do banho toda perfume,
entra na alcova a cantar ;
usa na testa o *cucume*,
põe-se no espelho a mirar !

Abre seu leque de sándalo,
suspirosamente abana ;
está núa sem escandalo,
linda bailadeira indiana.

Tem nos olhos pensativos,
calidas noites de oriente;
e os seus braços votivos,
são cobras de seda quente.

O seu amor que sufoca,
é oiro que custa caro ;
o *betle* da sua boca,
tem a côr d'um rubi raro.

Anda um andar miudinho,
a pisar flores no chão;
sua voz é como o vinho,
embriaga um coração.

Num abandono simpatico,
adormece no Sofá;
agora seu corpo estatico,
é oração ao *Devá!*.

O ROXO DO SOL POENTE

Erram perfumes, tecem melodia!...
Longe, no jardim de oiro, no poente,
um encurvado alfange resplendente,
põe um clarão de vinhos! plena orgia...

Corpo nú enfaixado em pedraria,
palida Salomé passa indolente;
seu olhor de violetas é doente,
harpas soluçam branda teoria,

A filha de Herodias vai dançar;
estrelado cabelo solto no ar,
imortal sorriso enche sua boca!...

E' cobra fascinada. Desmaiada,
procura beijar proprios seios. Louca,
pede para ser morta degolada!!

A
LENDA INTENCIONAL
DAS
TRES DEUSAS AMARELAS

Ao som dos timbres ligeiros,
em musicais passos lentos,
rasgam azuis nevoeiros,
tres suaves pensamentos.

São tres deusas hindùs, maravilhosas,
que caminham aerias para o banho,
são tres corolas de oiro virtuosas,
em tres frageis peciolos de estanho.

Ha no ar, perfumes densos,
no chão, esteiras de flores,
em volta, perfis imensos,
um tremeluzir de côres

As deusas núas, lembram espirais
de diafanos fumos aromados;
lembram visões sonambulas, astrais,
voando nos espaços estasiados.

Os tres corpos melindrosos,
entram nas agoas contentes,
que em canticos voluptuosos
abrem braços envolventes!

As tres deusas acabam a ablução,
entre risos alegres de ventura,
quando lhes nascem azas de açafrão
e, os tres corpos, levitam na altura!!

Sobem, sobem, mais alto para o azul,
são tres aguias do aziatico esplendor
que ao soprar do macio vento Sul,
deixaram a cascata ***Dudsagor...***

A MORTE DA ZAYÚ

UM CONTO HINDÚ

Arrastam-se lençoes de purpura pela paisagem.

Um murmurio velado abriu o perfil da hora, no azul ambiente.

A filha do eremita envolta num *sary* branco de sêda e ungida de preciosos oleos sagrados, depois da terceira ablução na picina virtuosa, sae para o bosque das contemplações.

Um rumoroso bando de pavões sagrados, invade a serenidade religiosa da estancia.

Chegam de longe, scintilantes, faiscantes, os silvos das serpentes, tecendo o cantico nocturno.

A estreita vereda que da passagem para o bosque é bordado de arbustos aromaticos, ciciando ao minimó contacto.

O chão é alfombrado de uma plumosa felpa vegetal onde os gentis pés de *Zayú*, calçados de sandalias vermelhas, afogam-se voluptuosamente.

Zayú embalada no vesperal encantamento da Natureza meditativa, assim monologa:

Purifiquei meu corpo na ablução,
derramei, no meu corpo mil essencias,
sou a flor amarela do acafrão,
no jardim misterioso de indolencias.

Ó arbustos, meus doces confidentes,
esmeraldinas hervas aromais,
inundai meu caminho de filtros ardentes,
venho buscar amores ideais.

Ó pavões magestosos de Cananôr,
aproximai-vos da Zayú amiga,
tranquilizai-vos, martires de amor,
vós amantes reais da lenda antiga!

Contemplae meus amados, como é bela,
a vossa Zayù, filha da Floresta;
tem o corpo ligeiro de gazéla,
com alma musical da noite em festa!

A minha virgindade será vossa,
espiritos, vae em minha roda,
quero-vos dar a minha graça moça,
Ó! noivae a minha alma, numa longa boda!

Sou mulher, planta dos ardentes sois;
meus peitos são dois calices floridos,
dois maviosos loiros girasois!!
Dois frutos de volupia proibidos!!

Minha boca vermelha, recendendo
aromas e doçuras de romã,
tem idromel que abelhas vão sorvendo
a cantarem amores de Crisnã!!

Minhas faces são duas bravas rosas,
beijadas de falenas de fino oiro;
nas manhãs de sol, joias tão pomposas,
deslumbrantes braseiras dum tesoiro!

Meus olhos negros, são duas cisternas,
onde Deus escondeu todo o negrume
de noites tão longinquas, tão eternas;
duas sagradas lampadas sem lume!

Estes meus *manilhados* tôrnozelos
num agitar metalico eles brilham,
lembram os irtos silvos dos capelós,
pifanos de cristal que maravilham.

Nos meus dedos eu trago aneis com gemas,
trago aljofres de Ofir no meu colo em fiadas;
eu sei cantar belissimos poemas,
canto com voz de *apsaras* magoadas

As sombras descem como veus azuis. Uma neblina nacarada, põe coroas de rosas, nos cumes dos oiteiros que traçam uma linha sinuosa no horisonte em volta.

A natureza inteira lassa de um dia, parece repoisar-se no lirico presentimento da ascenda Lúa.

Zayú distingue no silencio claro da noite uma canção. Reconhece o sitio e, parando um momento, escuta enlevadamente a fresca voz das agoas cantantes da fonte :

Eu sou o suave encanto,
sem ter a forma perfeita,
meu debil abraço é canto
com que a virgem se deleita

Sou alguem que passa,
deslizando,
sussurrando,
murmurando

queixumes saudosos,
derramando efluvios
como lembranças
dos primitivos diluvios :
minhas lagrimas são esperanças !

Eu choro eu canto.
Caminho como serpente,
Meu corpo è fresco manto,
voluptuoso, envolvente!

Meus beijos matam a sêde.
Eu sou a vida,
eu sou a morte
de quem comigo brinca e lida ! !

Eu choro, eu canto.
A terra bebe o meu pranto.
Não tenho forma perfeita
mas meu abraço deleita

A canção da agoa continúa. E' hora mais oriental do oriente. O céu é azul, é imenso e profundo; Zayú prosegue o passeio meditando:

Almas da minha raça seculares,
com echarpas de brumas e neblinas,
cantai comigo, vozes de Avatares,
em espirais duendes e divinas.

Esta noite o luar deve vir cêdo,
já eu sinto o perfume dos ***jasmins***,
já eu oiço em plangencias um segrêdo
dos meus harmoniosos ***soranguins***

Nasceu a Lua... ela vai subindo, tremula e trepidante como que a cabeça de um Deus condenado á prisão dos seus cabelos fulvos. A penumbra é alma cativa no templo de Búda O bosque acorda da sonolencia aos retoques galvanicos da luz nocturna.

A lua vai subindo apopletica, nervosa; parece uma grande salva de metal amarelo alumiada de clarões dum Zatrá antigo.

No ar escorre uma poeira de oiro ardente, palpitante e Zayú que nunca assistira ao teatro da suprema hora de ascenção da Lua, prossegue apressadamente o caminho, quasi sonanbula, quasi uma lendaria figura do *Ramayana*.

Docemente a brisa dilata pelo espaço os seus aromaticos braços afagantes e caricioSos espalhando coloridos e singulares adagios:

Eu sou a doce caricia,
eu vibro mas não magôo,

meu ser é uma delicia,
eu beijo, eu afago, eu vôo

Meu corpo macio
aliza e cativa,
sou o subtil fio
da vida primitiva.

Visito jardins,
convivo com flôres,
meus irmãos jasmins,
eu não tenho amores

Canto, bailo, danço,
crepuscularmente,
sou perfume manso
na hora do poente.

A Lua que ha momentos era amarela, agora é branca, aureolada de lacteas flores.

A lua derrama-se toda em luar que ondula em inflexões de alvura.

A alegria pompea na delicada alma do Zayú:

Ó alvissima flôr, branco granizo
de prata fuida, candida mulher,
pureza virginal, mago sorriso,
eu te amo para nunca te perdêr!!

Adoram-te os velhos *yoguis*.
Meigos contempladores de Nirvana;
sonham contigo ineditas flores de Lis,
ó surpreendente noite de luar indiana!!

Divinamente núa, ò rainha,
ó assunção serena do Luar,
o teu corpo nevado se adivinha,
pomba do céu que passas a voar!

Sorrisos estrelados, scintitantes,
apagaram-se. Anda pelo céu
a Lúa procurando diamantes
para com eles adornar seu véu!

Os instantes rolam-se desfeitos em penugem de iluzão. Ao pé, dorme tranquilo e frio o lago dos agoiros e, das suas tranquilas agoas surgem assombrados, niveos sonhos espectraes, que a aragem brizante, numa indiferença filosofica de ginosofistas esfarrapa dissolvendo-os depois no ar.

Da curva do firmiamento cáem hipnetizadas as raras estrelas no magnifico espelho, e

a Lúa preside a esta frota de luminosas caravelas a boiar.

Zayú descança o seu corpo sobre o prisma de malaquite à beira do lago e apanha os jasmins que caém dos jasmineiros intensamente floridos na antemanhã; embriaga-se com o seu perfume e, filtra-os pelos seus cabelos soltos.

Zayú inclinando seu rosto iluminado, na ancia de se vêr retratada no espelho do lago fala :

O' como são tranquilas tuas agoas,
deitar-me-hia núa dentro delas,
contar-lhes-ia minhas longas magoas,
como seria bela entre as mais belas!!!

Morreria afogando meus desejos,
á flor de agoas meu corpo de morena,
palido se faria com seus beijos,
diafana, translucida açucena!

Assento-me aqui, beira do lago inviolado,
colho estes jasmins mortos, meus irmãos,
vou com eles florir meu penteado
e, vou depois lavar as minhas mãos.

Um vento frio humido e balsamico friza a superficie do lago. O luar enfraquece. Nas sarças, nuvens de pirilampos abrem clareiras de luz esverdiada. Zayú ergue seu rosto para o ceu e cheia de terror repara que a Lua está coberta de nuvens côr de cinza e receia uma desgraça proxima.

Que frio, propria Lua já tremendo,
estou a ve-la, ó toda friorenta,
qual palida princeza, protegendo
seu corpo auroral contra uma tormenta,

Como ela está tremendo abandonada!
Quem fala ? Tambem agoas falarão,
oiço uma voz! Que voz assim cantada,
será a voz do meu santo coração!!?

Ou será a Lua ou será o lago?
Não sei. Vou escutando o rumor lento,
um murmurar cantado, doce afago,
dum agonico alento! —

Um côro de vozes misteriosas e puras como timbres de cristal e oiro sobe do lago onde os Lotus, cor de neve já abertos, semelham bocas ezangues de virgens mortas :

Somos virgens encantadas
do fundo deste lago;
adormeceu-nos um mago,
somos hoje adoradas!

Fomos princezas
de bocas de oiro,
nossas mãos eram um tesoiro,
nossos corpos, nupcías riquezas.

Estamos no paraiso,
eternamente suave,
suave, suave, suave
é o divino paraizo,

A floresta é bruscamente açoitada começa a tempestade a rugir violenta, ha chagas de fogo no céu. A paisagem é descabelada.

E, sobre o lago o corpo da Zayú flutua entre nenunfares brancos: Zayú morreu a sonhar! —

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
* * ÊSTE LIVRO NA * *
IMPRENSA LUCAS & C.ª
* AOS 30 DE JUNHO DE *
* * * * 1924 * * * *